

**POR UM PSOL QUE PENSE GRANDE**  
**POR UM PSOL QUE LUTE PELO PODER**

**PSOL na encruzilhada**

A conjuntura de 2023 complexificou o processo de reorganização e as tarefas pela frente. O governo Lula, eleito sob promessas e expectativas para angariar apoio popular, administra o estado para atender aos interesses da burguesia. Ainda que sofra o permanente ataque golpista das forças da extrema direita organizada e mobilizada, que não se contenta com o neoliberalismo republicano. São muitas pessoas que, para sobreviver à crise, dependem de um estado forte e autoritário para defender a concorrência, a exploração, a livre destruição.

Diante de qualquer ameaça vinda da extrema direita às parcas liberdades democráticas que ainda restam ao governo Lula, devemos combater em unidade com todas as forças democráticas do país. De certa forma foi o que tentamos fazer nos últimos anos com as importantes campanhas contra o golpe, o #ForaTemer e o #ForaBolsonaro, muitas vezes enfrentando o freio de mão petista.

No entanto, a necessidade de unidade também carrega uma armadilha. Corremos o risco de transformar o PSOL em ala esquerda do regime, de aderir ao programa social liberal, de assumir o papel de conselheiros de Lula e substituir a práxis militante por uma atividade política burocrática e institucional, que obstrui o caminho da luta independente por transformações estruturais e anticapitalistas.

Muitos como nós vêm com preocupação a Federação com a Rede e a aproximação ao PT e seu governo. Abandona-se com isso a missão de ser alternativa combativa e de esquerda que conquistou espaço e autoridade no país. O que dá base para essa aproximação é, de um lado a pressão exercida pela extrema direita, de outro a ideia, em nossa opinião, equivocada, de que o Programa Democrático e Popular não foi realizado ou foi traído e abandonado. A tarefa consiste justamente em superar o PDP na prática e na teoria, o que exige um esforço de compreensão e intervenção revolucionária na realidade brasileira.

Basta nos lembrarmos de Junho de 2013 para perceber a dimensão do problema. O aprofundamento da crise e com ela toda a incerteza econômica e a instabilidade política que lhes são características tendem a produzir novas explosões de lutas de massas. Enquanto a extrema direita protagonizou ou se colou e dirigiu mobilizações na rua e ações radicalizadas, ainda que golpistas, Lula e o PT já deram mostras suficientes de que atuam como freio das lutas. A rua pra eles deve ser ocupada o mínimo possível, a batalha deve ficar sempre nos marcos da ordem para não prejudicar a governabilidade. É uma receita perigosa. A desmobilização intencional dos atos #Fora Bolsonaro, canalizando toda energia para as eleições, por pouco não acabou em derrota. Não esqueçamos que a eleição foi decidida pela menor diferença da história.

A perda de independência é ao mesmo tempo uma perda de identidade e de projeto. Sem que se mire na necessidade de construção de uma nova referência política e programática para a classe trabalhadora, o futuro do PSOL está ameaçado. Ainda que cresça

eleitoralmente pode ter uma existência vegetativa, como mais um dos muitos partidos do sistema.

### **3 Caminhos que devemos evitar**

Aqueles que, assim como nós, lutam por um PSOL independente, combativo e militante, à altura dos desafios de enfrentar a extrema direita e, ao mesmo tempo, enfrentar os problemas que sufocam o povo trabalhador, precisam estar dispostos ao debate sério, tendo como pressuposto a responsabilidade com o PSOL e com a luta de classes.

O primeiro e mais óbvio atalho a se evitar é o aprofundamento da linha da atual da direção do partido, pelos motivos já discutidos acima.

No polo oposto corremos o risco de deslizar para uma oposição principista, que desconsidera o processo de consciência, as experiências concretas do povo com o governo e as forças políticas em ação, e que subestima a ameaça da extrema direita e a importância da unidade em defesa da democracia.

O terceiro caminho é aquele que, reconhecendo a encalacrada da conjuntura, contenta-se com o papel de conselheiro do governo, reivindicando os pontos positivos, apontando os negativos e sugerindo correções que, conhecendo bem a forma lulista de governar, jamais serão acatadas, sem de fato enfrentar o que precisa ser enfrentado, da forma como precisa, com mobilização, resistência, luta de rua e protagonismo popular.

### **O caminho a seguir: Um PSOL anticapitalista, anti-imperialista, socialista e democrático**

Com o tempo, o debate estratégico que animou o processo de fundação do PSOL foi amornando sem se consolidar uma perspectiva mais ampla sobre as reais contradições e dinâmicas que poderiam colocar o país no caminho do socialismo e da liberdade. Esfriou também o debate sobre as tarefas do partido na luta pelo poder.

O melhorismo não basta! Precisamos resgatar valores e atitudes que eduquem os militantes para se sintonizar com o que tem de novo e superador na realidade, e reafirmar os aprendizados fundamentais de nossa classe. A mudança vem do protagonismo do povo, da atividade da massa trabalhadora, das medidas de transição que atraiam a atenção e os interesses da imensa maioria, da derrubada do estado burguês e da reeducação política capaz de fazer frente ao bombardeio ideológico e comportamental do neoliberalismo burguês e sua máxima de que “não há alternativas”. Sempre há.

Não são tempos de pequenezas, mas de grandes desafios e tarefas! Muito além de vagas nas instituições ou nos governos, o poder que devemos disputar está nas ruas, nas paradas de ônibus, nas fábricas, nas oficinas, nas cozinhas, pedalando, nas escolas, nos bairros e periferias, enfim onde estiver o povo trabalhador, na sua batalha diária, é ali que estará o poder, é ali que devemos estar.

### **Uma crise permanente**

Desde que o PSOL foi fundado, em 2004, muita coisa aconteceu. São quase duas décadas de extrema turbulência e muitas experiências. Nesse meio tempo, o neoliberalismo se consolidou para logo entrar em modo de crise junto com o restante do mundo, a partir de 2008. O capitalismo neoliberal, produto e produtor de avanços espetaculares no desenvolvimento de tecnologias revolucionárias que, ao serem difundidas em massa, moldaram a vida nesse breve século XXI, esgotou enquanto alternativa de sobrevivência para acumulação de capital em tempos de crise estrutural.

Na ausência de solução, arrasta-se em permanente barbárie e acelera a dinâmica destrutiva do atual modo de produção da vida. De epidemias silenciosas que arrancaram boa parte da alegria de viver a uma pandemia global, cujas causas ambientais permanecem inalteradas e, com grande probabilidade, tendem a produzir novas e mais graves formas de sofrimento generalizado. De conflitos locais à guerra na Ucrânia e ao acirramento das grandes disputas geopolíticas envolvendo Estados Unidos e China que podem conduzir o mundo para uma catástrofe sem precedentes. Do salto tecnológico à devastação de biomas e florestas que ameaçam a continuidade de formas de vida complexas, sobretudo animais de grande porte, como nós. Nas grandes cidades, concentradoras e geradoras de frustração e violência, predomina o desemprego em massa e precarização extrema do trabalho, transformando centenas de milhares de pessoas em recursos descartáveis e, com isso, o acirramento de todos os problemas da vida social. As relações baseadas em tanta precariedade desordenam e fragmentam a sociedade. Sob a lógica da propriedade privada e o domínio oligopólico das big techs e dos conglomerados financeiros, empreendedorismo é sinônimo de mais exploração e dívidas sufocantes.

Nada indica que essa tendência destrutiva esteja se revertendo. A burguesia mundial é impotente frente a impossibilidade de criar espaço suficiente para valorização de tanto capital sobreacumulado. Todas as receitas administradas caminharam na mesma direção: destruição para implementação de mais neoliberalismo, empurrando o problema pra frente sem de fato encontrar solução. Certamente, no Brasil não é diferente. Somos um país comandado por uma elite de genética e tradição colonial até a medula. Enquanto nação, jamais superamos o subdesenvolvimento e a dependência diante dos imperialismos estrangeiros.

### **Alívio Imediato**

A ameaça à sobrevivência e ao status econômico, político e social de diversos setores cria espaço para a disputa política. Uma disputa de poder cujo protagonismo tem sido de uma tendência de extrema direita, autoritária, em certa medida por fora do regime democrático. No processo da crise política, Bolsonaro catalisou a disputa e escalou ao poder chegando à presidência pelo voto nas urnas, contrariando os interesses das frações tradicionalmente dominantes. No poder, Bolsonaro se mostra relutante em ser controlado. Mantém seu compromisso com o conjunto de setores periféricos, com interesses particularistas e com disposição para radicalizar a luta política apelando para a mobilização de massas nas ruas, empunhando inclusive bandeiras antissistema abandonadas pela esquerda. Ocupa um espaço que poderia também ser nosso. Além de incapaz de governar para a grande burguesia, Bolsonaro se mostrou perigoso. Daí as diversas manobras operadas pela

institucionalidade do regime para controlá-lo e buscar por uma alternativa de governo confiável para os de cima.

O papel do PSOL na construção da derrota eleitoral de Bolsonaro, apoiando a campanha Lula, foi um acerto que deve ser reconhecido. Uma vitória que trouxe a sensação de alívio diante da possibilidade de tragédia que seria uma reeleição bolsonarista. A força dessa tendência, no entanto, não estava localizada apenas no governo. Bolsonaro não brotou do nada, mas sim da sociedade que evoluiu pós abertura democrática sem resolver problemas históricos e mantendo uma parcela enorme da população na condição de exclusão. Sem que se altere o ambiente social, sem que se engendrem transformações profundas na dinâmica e na estrutura do país, sem que se garantam condições mínimas de vida digna e de esperança em dias melhores, ou seja, sem que se supere a crise pela perspectiva do povo trabalhador é pouco provável que consigamos conter a força da extrema direita.

Não há dúvida que também para a classe trabalhadora e para a esquerda se trata de um governo não só diferente, mas melhor, com algum grau de preocupação social e consequência política. Mas não nos iludamos, se trata de um governo liberal, a serviço do capital. A quem interessa o Novo Ensino Médio, a privatização do aeroporto de Natal, pontapé de outras concessões, e a primeira grande contrarreforma, o Arcabouço Fiscal? São ataques diretos à classe trabalhadora, da sua formação escolar à aposentadoria. Não há o que disputar por dentro desse governo!

### **Enfrentar o neoliberalismo autoritário e conservador em Santa Catarina**

Santa Catarina é um estado extremamente elitizado, onde se localizam 37 dos 284 bilionários do país, com Luciano Hang no topo da lista, enquanto a maior parte da população sofre com a falta de renda e o aumento do custo de vida, o congelamento dos investimentos públicos de Jorginho Mello, a precarização do trabalho e da atenção à população trabalhadora, e o processo de entrega dos serviços públicos para serem explorados por empresas privadas. A história oficial do estado é marcada pela tradição colonial de exaltação da cultura europeia colonizadora e invisibilização da escravidão, racismo e perseguição, o que garantiu, até o momento, manutenção do domínio do poder político, econômico e social nas mãos das mesmas famílias tradicionais da classe dominante catarinense.

Com forte conservadorismo, é o estado que lidera o avanço do neonazismo no Brasil. No período de 1 ano (2021-2022) o número de grupos extremistas mais do que dobrou no estado e Blumenau, com 365 mil habitantes, é, em números absolutos, a segunda cidade do país com mais grupos identificados - com 63 fica atrás apenas de São Paulo, que com 12 milhões de habitantes tem 96 células neonazistas. Mesmo com a derrota eleitoral de Bolsonaro, a extrema direita segue organizada no estado, inclusive com a eleição de Jorginho na esteira do bolsonarismo, como Moisés, e que tem se mostrado ainda mais alinhado ao ultra conservadorismo neoliberal e fascista.

A nossa economia reafirma a dependência da burguesia catarinense. Ainda que o estado abrigue polos de desenvolvimento em tecnologia, em especial as tecnologias da informação, e cidades como a capital que disputam o mercado do turismo, o principal setor da economia estadual é o agronegócio, com a produção de suínos, avinos, grãos e fumo.

Forjando uma enorme subserviência, conduzida de forma a sufocar as experiências de agricultura familiar, sem preocupação com a segurança alimentar da classe trabalhadora. A produção extensiva para fora e o inchaço dos grandes centros urbanos produz uma lógica de especulação imobiliária, que fomenta a violência policial, seja desalojando famílias de suas casas ou sob o discurso de “guerra às drogas”, responsável pelo grande número de assassinato de jovens negros no estado.

Segundo o CENSO/IBGE Florianópolis tem 27.816 moradias desocupadas e enquanto isso a prefeitura prevê a necessidade de um crescimento desenfreado de construções como consta de base no novo plano diretor. Além de focar na verticalização da cidade e especulação imobiliária com aluguéis caríssimos e aumentando a densidade demográfica, essas medidas causam sérios impactos ao meio ambiente, reduzindo áreas de proteção ambiental.

Seguindo a lógica neoliberal do seu antecessor Gean Loureiro (União Brasil), Topázio avança na capital com as políticas de terceirização de atividade-fim e desmonte do serviço público. Os trabalhadores municipais têm travado importantes lutas para barrar o sucateamento e destruição dos trabalhos e serviços prestados à população, como as OSs na educação em que a prefeitura havia passado a gestão de creches para associação laranja.

A política de terceirização além de mais exploração é um “prato cheio” para corrupção. Em Santa Catarina, a máfia do lixo tem sido exemplo de esquema de corrupção em contratos para coleta de lixo, tendo 16 prefeitos presos na operação Mensageiros. Na capital, o contrato com terceirizadas e processo de privatização por dentro da COMCAP na coleta de lixo já causou diversos acidentes de trabalho e prejuízos à limpeza urbana da cidade.

As eleições em 2024 abrem mais um momento importante para debater a política necessária para o povo que batalha. Devemos apresentar uma candidatura própria que coloque em disputa um projeto anticapitalista de sociedade. A luta por direito à cidade em todos seus âmbitos é uma tarefa que precisa ser construída por baixo, em todos os espaços onde a classe está, para além das eleições e cargos institucionais, o partido precisa estar no dia a dia do povo no fortalecimento de força social, pensando junto a construção de um programa alternativo da classe para a classe.

“Não estamos perdidos. Pelo contrário, venceremos se não tivermos desaprendido a aprender.”

Rosa Luxemburgo

## **ASSINAM A TESE DO ALICERCE**

**“POR UM PSOL QUE PENSE GRANDE, POR UM PSOL QUE LUTE PELO PODER”:**

1. ALFREDO CAMPOS RANZAN
2. AMANDA KOSCHNIK
3. ANA PAULA VERMOHLEN

4. ANTONIO CARLOS FIORI
5. BRUNA LOUISE CORDEIRO ELLER DA CUNHA
6. BRUNO DIAS MELO
7. CAMILA ARASAKI CASAROTTO
8. CAMILA SIQUEIRA KATREIN
9. CARLOS ALFREDO GOMES DA FONSECA
10. CAROLINA ELIAS ALVES
11. CHAIANE SUSIN BERNARDO
12. CLARA NIEHUES RIVAS
13. CLARISSA GRAHL DOS SANTOS
14. DIANE BALBINOT SILVA
15. DOUGLAS DE AMORIM
16. ELISA RITA FERREIRA DE ANDRADE
17. ENEIDA GOMES COSTA
18. EMÍLIO BEN BARRETO FREIRE
19. ERI CORDEIRO
20. ERIKA CLARISSA OLIVEIRA EURO LIMA
21. EMÍLIO BEN BARRETO FREIRE
22. FABIANO FUCHS
23. FRANCIELE RODRIGUES DA SILVA GARCIA
24. GABRIEL NICOLODELLI DA SILVA
25. GABRIELA DIAS BLANCO
26. GUILHERME MAURÍCIO JACINTO
27. IANA DE ARAÚJO FONTELES
28. ISABELI SCHEMMER DE MELO
29. IZABELE CRISTINI DA SILVA
30. JÉSSICA ALINE ULLMANN GUTIERREZ
31. JOÃO CAETANO PRATES ROCHA
32. JOSÉ INACIO SPERBER
33. JULIANA SILVA SANTIAGO
34. KAUÊ HAHN TURNES
35. LIANE CAROLINE PERRONI
36. LINAIA DE VARGAS PALACIO
37. LUANA DA COSTA PEREIRA
38. LUCAS DE ANHAIA
39. LUCAS LIGABUE PINTO
40. LUCAS VIEGAS VIEIRA
41. LUCIANA MEDEIROS DE ARAUJO
42. LUIZA DE SOUZA HYPOLITO
43. MARA ELIZABETH DORNELLES MATZEMBACHER
44. MARCOS ANTONIO DA SILVA
45. MARIA APARECIDA HAHN TURNES
46. MARIA CLARA HAHN TURNES
47. MARINA NICOLODELLI
48. MARIANA KNIERIM CORREIA
49. MARIANA SOUZA HREISEMNOU
50. MARINA NEVES FELIPPE
51. MATHEUS FELISBERTO COSTA

52. NINA DE ARRUDA BOTELHO VAN HAM
53. POLIANA GARCIA TEMISTOCLES FERREIRA
54. RACHEL TOMÁS DOS SANTOS ABRÃO
55. RAPHAEL MEIRA KNABBEN
56. RAVHI MILAN
57. SANDRA MARIA DOS ANJOS
58. SUELEN MEIRA PEDRO
59. VANDERSON DOS SANTOS CEMIN
60. VITOR PAULO MARTINS

**Apoio**

Débora Goulart Silveira

Gabriel Rocha

Jamile Santos Zeferino

Keila Ruttnig Guidony Pereira

Nayana Zoche Schneider

Patricia Lobato Prates